

APRESENTAÇÃO

No lançamento do presente volume da Revista Muiraquitã, chamamos a atenção para seu Eixo Temático, centrado em “cultura e linguagem”, com enfoques em estudos e pesquisas relacionadas às práticas culturais, memória e poder, literatura e história, discurso e silêncio, deslocamentos populacionais e questões identitárias. O resultado é um significativo encontro de textos e autores empenhados em refletir sobre linguagens e práticas culturais a partir de reflexões sobre o corpo, a vida, os deslocamentos de sentidos e as identidades possíveis, no perpassar de diferentes campos disciplinares e áreas do saber acadêmico.

A partir dos artigos aqui reunidos ecoam dimensões de grande importância para mantermos diálogos com territorialidades das Amazôniaas brasileiras e do *Mezzogiorno* italiano, adjetivados de “sertões” pela retórica colonizadora, que não consegue conviver com as distintas realidades do “todo-o-mundo” e suas múltiplas possibilidades histórico-culturais e linguísticas. Em síntese, podemos visualizar uma etnografia da palavra escrita dos sujeitos – seus lugares – que tomam para si a responsabilidade de ser intérpretes de seus cotidianos e das palavras/conceitos que lhes chegam e traduzem.

Nessa direção, Suerda Lima, com **“Entre o banquete e o corpo: uma possível leitura carnavalizante de “como água para chocolate”**”, fala de corpo, comida, bebida, riso, lágrima, literatura e cultura; Armstrong Santos, em **“Encontros e desencontros em narrativas de haitianos na Amazônia acreana”**, faz transbordar Narrativas Silenciadas Pelo Sensacionalismo Midiático, narrativas de sujeitos sociais fraturados e deslocados em trânsitos diaspóricos entre as Áfricas, os Caribes e as Amazôniaas; Bruno Braga, com seu **“Os índios, a catequese e a civilização no Amazonas (1845-1898): entre o fracasso e a resistência”**, nos arremete a processos de um passado que se atualiza tragicamente na tríade corpos indígenas, catequese/domesticação, mito civilizatório; Joel Silva e Fabiano Gontijo, com **“Patrimônios do ‘fundo’ na encantaria amazônica: “entre cosmologias, memórias e identidades marajoaras”**, percorrem territórios de patrimônios de encantarias amazônico-marajoaras, colocando em cena cosmologias e narrativas de corpos que tecem tempos materiais e imateriais; Vanessa Oliveira apresenta o estudo **“Silenciamentos, formação e artes cênicas: o esvaziamento da experiência”**, a partir do qual abre espaço para narrativas de estudantes de artes, abordando corpos (in)disciplinados pelas tentativas de apagamento das lembranças/saberes em dinâmicas disciplinares que buscam inculcar identidades hermeticamente fechadas; Marta Lima, com **“A Umbanda em Rondônia”**, percorre campos do sagrado em religiosidades de terreiros a partir de narrativas imersas no emaranhado do tempo da política; Romário Souza, em seu **“Versões discursivas da Amazônia: entre a ‘ficção e o real’ na obra “À margem da História”, de Euclides da Cunha”**, centra suas preocupações no terreno do discurso que cria sujeitos/objetos marcados pelo signo da conquista do “deserto” amazônico, produzindo corpos marcados por identidades vazias; Marcello Messina, com **“Narrativas pós-italianas a re-imaginação da unidade nacional nas canções do Sul da Itália”**, desnuda narrativas do e sobre o Sul da Itália, pontuando o quanto as marcas da invenção de identidades atávicas moldam territórios e corpos talhados pela binária lógica da “civilização” e “barbárie”; Altaiza Marinho, em **“Dez anos no Amazonas (1897-1907): um imaginário social da Amazônia”**, traduz sentidos de certas memórias ancoradas em certo tipo de escrita que tenta fazer da representação o real; Pabla Silva, em **“O rio Croa: resultado de muitas vozes um lugar narrado nas perspectivas do ecoturismo”**, nos convida para uma viagem ao encontro com uma “natureza pura”, dimensão das práticas culturais das mulheres e homens que habitam o Croa, no Vale do Juruá; e Francis Mary, com seu **“Subjetividades indígenas: descolonizando horizontes”**, desafia cânones literários, trazendo à tona processos de tradução cultural marcados pela tradição e pela literatura oral indígena. Por fim, as resenhas de Jesus Carranza, **“Resistencia, subsistencia y diversi-**

dad en las riberas del río Muru”, e Teresa di Somma, **“Recensione del romanzo ‘Mezza italiana’ di Zoë Boccabella, una italo-australiana alla riscoperta delle proprie origini tra orientalismo e snobismo ‘bianco’**”, pontuam não apenas a interpretação da interpretação de práticas culturais e distintas percepções identitárias, mas a circulação e o encontro de sujeitos sociais empenhados em desvendar, desde outros lugares de enunciação, as muitas formas de encontros e misturas dos tempos atuais.

Seguimos em busca de um ponto de encontro para nossas diferentes formas de pensar as questões, problemas de pesquisa e as reflexões que o Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da UFAC tem abrigado, especialmente, porque suas área de concentração têm possibilitado o cruzamento de professores, estudantes e pesquisadores de distintas áreas analisando os mesmos objetos de investigação com foco nas realidades amazônicas em relação direta com os mundos não amazônicos, mediados pela linguagem, pelos discurso e por distintas historicidades. Esta edição é uma pequena mostra desse exercício acadêmico.

Rio Branco, Acre, Julho de 2016

Gerson Albuquerque - Editor